

CRÍTICA SOBRE O FILME “ET MAINTENANT, ON VA OÙ?” (E AGORA, AONDE VAMOS?)

Graziela Drociunas Pacheco¹
Rodrigo do Amaral Munhoz²

Resumo: O trabalho teve como objetivo analisar o filme “Et maintenant on va où? (“E agora, aonde vamos?”), descrevendo e discutindo os aspectos estruturais, como personagens, estrutura narrativa (a forma como a história é contada com os recursos do cinema), espaço e tempo. Os aspectos socioculturais apresentados no filme foram abordados de acordo com teorias que discutem a aproximação entre literatura e estudos culturais. Foi realizada uma comparação com um filme produzido nos Estados Unidos, que envolve questões religiosas e que repercutiu negativamente no Oriente Médio. O filme “E agora, aonde vamos?” é uma crítica contra os conflitos religiosos do Oriente Médio. A época e o local onde a história se passa não são especificados diretamente, mas dão ao filme a possibilidade de trabalhar com dois temas que há tempos envolvem os homens: a guerra e a paz. A questão religiosa envolve cristãos e muçulmanos sob o ponto de vista das mulheres que precisam conter os acessos de intolerância de seus maridos. Música, dança, tensão, risos e lágrimas combinam-se durante a trama. Apesar da intensa carga dramática, a história apresenta leveza e humor, contada de forma lúdica. Porém, é por meio de dramas muito reais e impactantes que os traumas da violência oriundos dos conflitos religiosos são demonstrados. “E agora, aonde vamos?” é um conto humanista definido como uma tragicomédia. É rico em elementos para serem discutidos, entre eles, os diversos aspectos que envolvem a literatura, o cinema e os estudos culturais.

Palavras-chave: cinema; estudos culturais; literatura.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar o filme “Et maintenant on va où? (“E agora, aonde vamos?”), descrevendo e discutindo os aspectos estruturais, como personagens, estrutura narrativa (a forma como a história é contada com os recursos do cinema), espaço e tempo. Os aspectos socioculturais apresentados no filme foram abordados de acordo com textos que discutem a literatura e estudos culturais. Foi realizada uma comparação com um filme produzido nos Estados Unidos, que envolve questões religiosas, que repercutiu negativamente no Oriente Médio.

¹Estudante da graduação Bacharelado em Língua e Cultura Francesas (UEL). E-mail: grazivetuel@yahoo.com.br

²Professor Mestre da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: rodrigomunhoz@hotmail.com

2. Análise

O filme “E agora, aonde vamos?”, dirigido e estrelado pela diretora e atriz libanesa Nadine Labaki é uma crítica contra os conflitos religiosos do Oriente Médio. A época e o local onde a história se passa não são especificados diretamente, mas dão ao filme a possibilidade de trabalhar com dois temas que há tempos envolvem os homens: a guerra e a paz.

A questão religiosa envolve cristãos e muçulmanos sob o ponto de vista das mulheres que precisam conter os acessos de intolerância de seus maridos. Música, dança, tensão, risos e lágrimas combinam-se durante a trama. Apesar da intensa carga dramática, a história apresenta leveza e humor, contada de forma lúdica. Porém, será por meio de dramas muito reais e impactantes que os traumas da violência oriundos dos conflitos religiosos são demonstrados. A impressão que se tem é a de que a lógica para um mundo de tamanha tensão por conta das diferenças religiosas exige certo desprendimento poético por parte de quem o habita.

O filme inicia-se mostrando um cortejo de mulheres, como se estivessem em uma procissão, vestidas de negro e debaixo de um sol escaldante, caminhando em direção ao cemitério da cidade. Algumas delas estão cobertas com véus, outras trazem cruzes de madeira e todas unidas pelo mesmo sentimento de dor. Para amenizar as cenas de sofrimento que envolvem essas mulheres, a diretora as coloca numa cena de musical, em que todas interpretam uma coreografia até a chegada ao cemitério. O grupo, então, divide-se em duas congregações, uma muçulmana e outra cristã, que abraçam fotos de seus maridos, filhos e pais que morreram vítimas de uma guerra fútil. Chegando ao cemitério, o grupo se divide: de um lado observa-se o cemitério muçulmano e do outro o cemitério cristão. É interessante



Figura 1 - Cenas cortejo de mulheres e cemitério

notar que mesmo na morte, há divisão entre os homens por questões religiosas.

Nesse contexto, é importante analisar a forma como o assunto que envolve a religião é abordado. Nadine Labaki utilizou de sensibilidade ao tratar do tema, colocando as mulheres como protagonistas. O objetivo delas é acabar com os conflitos dentro da aldeia e para isso, arranjam mil e uma maneiras de as notícias do exterior não chegarem ao local, mantendo assim a paz num lugar onde tantos já perderam os filhos nas guerras religiosas. Desta forma, “E agora, aonde vamos?” é mais que um filme sobre mulheres que tentam evitar os conflitos desnecessários entre os homens. Temos uma história sobre a vida de mães cansadas de perder os filhos e que são capazes de tudo para acabar com a violência.

A história se passa num vilarejo onde cristãos e muçulmanos convivem pacificamente, isolados do mundo graças ao colapso providencial de uma ponte. É interessante observar como o imã e o pároco da cidade, unidos primeiramente na harmonia das duas comunidades tentam convencer a população a manter a ordem no vilarejo. Porém, de vez em quando os ecos da guerra, que recomeçou no país, chegam a eles, por meio de uma televisão improvisada, e as mulheres se reúnem em segredo para encontrar um modo de dissuadir os homens do revoltar-se novamente uns contra os outros.

O filme mostra a imaginação das mulheres, que conhecendo seus homens, tentam entretê-los com um grupo de dançarinas ucranianas, que aparecem na trama não por acaso, ou tentam fazê-los acreditar nas mensagens enviadas por uma “Nossa Senhora” bem informada sobre as fofocas do vilarejo. Outro plano é fazer com que os homens ingiram haxixe, para ficarem entorpecidos e inertes e, enquanto isso, as mulheres se unem mais uma vez para esconder as armas do vilarejo.

Porém, quando a tragédia chega de forma inesperada e uma mãe se depara com seu filho morto por uma bala perdida, fora do vilarejo, a mulher sabe sufocar seu ressentimento enterrando secretamente sua criança para evitar que o acontecimento torne-se um pretexto para recomeçar a guerra.

A história conta a vida de uma comunidade de fábula, mas que poderia perfeitamente ser modelo para as realidades multiétnicas.

Analisando a obra confrontando a literatura e o cinema, constata-se que de acordo com Massai e Silva (2011), o cinema é uma arte que assimila os elementos de outras artes,

incluindo a própria literatura.

Apesar disso, muitos ainda não acreditam que a sétima arte tenha a ver com a literatura, justamente pelas divergências observadas entre ambas. A primeira, projetada em papéis e, a segunda, em uma tela estática: uma permite ao leitor imaginar mundos e a outra, ao projetar imagens em movimento, indica mundos já imaginados.

O cinema apresenta, assim, uma linguagem específica que deve ser analisada em relação às suas técnicas e sistemas de significação, avaliando-se questões como iluminação, trilha sonora, mise-en-scène, enquadramento, corte e montagem. Esses elementos não podem ser analisados isoladamente, mas dentro do sistema de significação construído pelo filme. Todas essas técnicas fazem parte de um sistema de construção de significados (Corseuil, 2003).

O filme “E agora, aonde vamos?” é um conto humanista definido como uma tragicomédia. Trata-se de uma história que pode ser real, acontecendo em algum lugar do mundo ou mesmo, uma história fictícia. A seguir é feita uma análise crítica do filme em questão.

2.1 Personagens

De acordo com o Dicionário de Termos Literários (Moisés, 1997), a definição de personagem é: “Designa, no interior da prosa literária (conto, novela ou romance) e do teatro, os seres fictícios construídos à imagem e semelhança dos seres humanos: se estes são pessoas reais, aqueles são "pessoas" imaginárias, se os primeiros habitam o mundo que nos cerca, os outros movem-se no espaço arquitetado pela fantasia do prosado.”

No filme “E agora, aonde vamos?” utiliza-se o conceito de *mimese* proposto pelo filósofo grego Aristóteles em sua obra “Poética”. A *mimese* não é apenas a arte da mera imitação, mas sim um movimento expressivo que une a ficção à realidade por meio de uma técnica ou uma atividade que não só reproduz, mas supera a matéria, pautado por alta sensibilidade. Trata-se da relação que Candido (1985) estabelece entre o *homo sapiens* (homem da realidade) e o *homo fictus* (homem da ficção). Pelo ponto de vista de Candido, o *fictus* vive mais intensamente as coisas, de uma forma transcendente, a qual o *sapiens* não

consegue alcançar.

As personagens do filme “E agora, aonde vamos?” são divididas, basicamente em dois grupos: cristãos e muçulmanos, uma vez que o filme trata das questões religiosas entre as duas congregações de um vilarejo isolado do Líbano. Soma-se aos personagens uma caravana formada por dançarinas ucranianas (Svetlana, Tatiana, Anna e Kátia), que são pagas para passar uma semana no vilarejo com o intuito de desviar o foco dos homens da cidadezinha para a guerra entre cristãos e muçulmanos que ocorre numa cidade vizinha chamada Wardeh.

As protagonistas escolhidas (Takla, Yvonne, Afaf, Saydeh) não são atrizes profissionais, mas suas personagens têm personalidade forte. Elas são resultado de uma longa busca da diretora (que interpretou Amal), que fez questão de fazer um elenco com pessoas da sociedade comum, para imprimir em suas personagens um toque de realidade, já que naquela região todo mundo tinha uma história de alguém próximo que perdeu um filho em conflitos religiosos. As demais mulheres que fazem parte da trama, porém em papel secundário são: Fatmeh (mãe da criança agredida em frente à igreja), Saydeh, Youssef, Rita e Aida.

Os homens da trama são o Sr. Prefeito, o imã (sacerdote muçulmano), o padre (sacerdote cristão), os jovens Rukoz, Nassim (que se arriscam numa moto para fazer compras para o vilarejo) e Hamudi, Issam (irmão de Nassim), Rabih (faz as obras no café de Amal e tem com ela um amor não realizado), Abou Ali (dono da cabra Brigitte que morre num campo minado), Assad, Sassine, Boutros (agride uma criança em frente à igreja) e os personagens secundários Oum Khalil, Oum Hassam, Abou Ahmad, Abou Hassam e Georges.

2.2 Narrativa

Um artigo de Henderson (1983) sobre narratologia estabelece as relações entre os elementos narrativos no cinema e na literatura, apontando similaridades e diferenças dos dois sistemas em relação a vários elementos, tais como: manipulação do tempo (temporalidade), a caracterização, o enredo, a voz do narrador, o ponto de vista e a presença do filtro (aquele personagem através do qual sentimos as emoções) e do focalizador (o personagem através do qual se vê a ação). Neste sentido, a análise narratológica pode auxiliar a consolidação de estudos que levem em conta aspectos formais e estéticos de um filme e suas relações com elementos socioculturais.

No filme “E agora, aonde vamos”, emprega-se ao narrador a narrativa em *voz-off*, que é utilizada “para toda e qualquer situação em que a fonte emissora da fala não é visível no momento em que a ouvimos” (Xavier, 1996). É na introdução que o narrador apresenta o contexto histórico/social da trama, como apresentado a seguir:

A história que vou contar é para quem quiser ouvir. História de gente que jejua, de gente que reza. De um povo isolado, cercado por minas. Sozinho entre o céu e a terra. Perdido entre duas guerras. Dois clãs com o coração ferido, sob um sol abrasador. As mãos manchadas de sangue em nome da cruz ou da meia lua. De um povo isolado, que escolheu a paz. Que teceu sua história com armas e arame farpado. É uma longa história, de mulheres vestidas de preto. Não há estrelas, não há flores. Seus olhos estão maquiados com cinzas, e quis o destino, fazer da coragem a sua virtude.

Ao concluir o filme, a linguagem verbal do narrador nos aproxima dele, ao nos dizer que ele nos confiou sua história de vida. Assim, o narrador apresenta-se próximo ao espectador. O último trecho, que encerra o filme, segue abaixo:

Contei a minha história. Confiei-a a vocês. A história de uma aldeia em paz. Enquanto havia batalhas em toda a volta. De homens que caíram no sono. Para acordar sem guerra, estupefatos. Mulheres vestidas sempre de preto. Armadas de rezas e de esperança. Sua guerra é sem rancor. E para proteger os seus tomaram o destino nas próprias mãos. E encontraram um novo caminho...

O início e o fim do filme tem a presença do foco narrativo narrador-personagem. Este tem uma relação íntima com os outros elementos da narrativa. Sua maneira de contar é fortemente marcada por características subjetivas, emocionais. Essa proximidade com o mundo narrado revela fatos e situações que um narrador de fora não poderia conhecer. Ao mesmo tempo, essa mesma proximidade faz com que a narrativa seja parcial, impregnada pelo ponto de vista do autor (CABRAL, 2012).

O restante da trama é conduzido em discurso direto, ou seja, pela fala direta dos personagens.

2.3 Espaço e Tempo

2.3.1 Tempo

a) Sistema de Iluminação: a iluminação do filme varia conforme as cenas. Existem cenas externas, como a primeira cena em que as mulheres marcham em direção ao cemitério, debaixo de um sol escaldante. As cenas em que as dançarinas ucranianas chegam à cidade e depois são paparicadas pelos homens da cidade também apresentam iluminação forte e natural, por serem ao ar livre. Existem as cenas com iluminação mais fraca, que são aquelas que ocorrem à noite, por exemplo, quando os habitantes da cidade marcham para um ponto alto da cidade para conseguirem captar o sinal da TV. Outra cena noturna seria quando as mulheres se encontram para tentar sabotar a TV ou quando elas vão procurar as armas enterradas. As demais cenas, que são internas possuem iluminação difusa (possivelmente frontal, contraluz de ângulo oposto e luz oblíqua).

b) Edição/montagem: a história se passa em um mesmo tempo, obedecendo ao princípio de continuidade do espaço. Porém, inicia e termina no mesmo cenário, o cemitério da cidade.

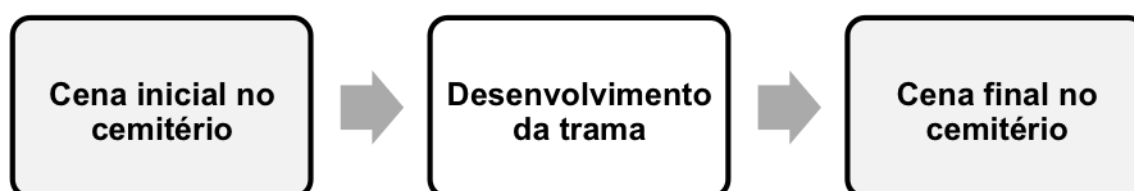


Figura 2 - Sistematização do tempo-espaço

c) Trilha sonora: durante o filme são apresentadas três músicas. Duas delas envolvem o amor proibido entre Amal (dona do café da cidade, cristã) e Rabih (trabalhador que faz as obras no café de Amal, muçulmano). A impossibilidade do amor entre os dois é revelada pelas letras da primeira e da segunda músicas:

Como vai minha princesa?
Que não é minha, assim como não sou dela.
Vejo você nas alturas.
Ah, se eu pudesse buscá-lo aí em cima.
Como vai minha princesa?

Você não é minha, assim como não sou seu.
Quieto, coração, quieto.
Sua pulsação nos envolve.
Esconda suas emoções, acalme sua pulsação.
Poderiam revelar nosso amor.
Precisamos esconder bem, para que ninguém saiba.
Passarinho, diga-me, por favor,
o que a bola de cristal vai dizer?
Diga-me se ele pensa em mim.
E não esqueça a fatura.
Passarinho,
dê-me um metro para medir o quanto durará nossa história.
Florescerá o nosso amor?
Diga-me.

Se tivesse havido palavras entre nós teríamos conversado.
Se tivesse havido lágrimas entre nós teríamos chorado.
Se tivesse havido um caminho que nos conduzisse o teríamos tomado juntos.
Se tivesse havido uma trilha que nos levasse a teríamos encontrado juntos.
Se tivesse havido um sonho partilhado teríamos dormido.
Se tivesse havido paz entre nós teríamos esquecido.
Se tivesse havido um caminho para andarmos juntos o teríamos pego juntos.
Se tivesse havido uma trilha que nos levasse a teríamos encontrado juntos.
Há um só refrão repetido entre nós?
Há muita gente que se interpõe entre nós?
Há uma lua, uma árvore, ou quem sabe, uma ponte destruída?
Há uma planície, uma montanha, ou um vale esquecido?
Ou talvez haja outro caminho que ainda não encontramos?

A terceira canção surge no momento em que as mulheres da cidade se unem para cozinhar e colocar haxixe em todas as comidas que os homens irão comer, com o objetivo de deixá-los inertes para que se esqueçam da guerra que acontece longe da aldeia deles.

Corte, amasse,
triture, comprima.
Moa bem fino, seja generosa.
Misture tudo.
Escolha a melhor erva,
que valha seu peso em ouro.
Clara ou escura, tanto faz.
Ponha mais sem medo,
é o haxixe do meu coração.
Está se afogando,
precisa de uma boia.
Enrole, amasse.
Misture, estenda.
Trance, torça e cozinhe

Em fogo baixo.
Escolha a melhor erva,
que valha seu peso em ouro.
Clara ou escura,
continue colocando.
Ponha mais sem medo.
É o haxixe do meu coração.
Está se afogando,
precisa de uma boia.
Embuta, enrole.
Amasse, salpique
e ponha no forno.
Escolha a melhor erva,
que valha seu peso em ouro.
Clara ou escura,
continue colocando.
Ponha mais sem medo.
É o haxixe do meu coração.
Está entediado,
dê-lhe o chocalho.
Vamos esquecer essas besteiras.
Vamos esquecer os problemas.
Talvez compreendam de uma vez.
Que finalmente
vejamos seu sorriso.
Escolha a melhor erva,
que valha seu peso em ouro.
Clara ou escura, tanto faz.
Ponha mais sem medo,
é o haxixe do meu coração.
Está com sono, dê-lhe o pijama.



Figura 3 - Cena da preparação da comida

2.3.2 Sistemas ou Categorias

De acordo com Bordwell et al. (1995), as técnicas cinematográficas fazem sentido e têm um significado quando elas desempenham certas funções. As três categorias básicas do cinema clássico de Hollywood são: tempo, espaço e lógica narrativa (ou causalidade).

No filme “E agora, onde vamos?” há uma continuidade das cenas ao longo do filme, desenvolvendo uma sequência lógica de começo, meio e fim.

2.3.3 Relação dos Sistemas ou das Categorias

Segundo Bordwell et al. (1995), a relação entre tempo, espaço e o sistema da lógica narrativa definem o estilo clássico hollywoodiano, de forma que esses três sistemas estão intrinsecamente relacionados.

O filme “E agora, aonde vamos?” é uma mescla entre o cinema clássico hollywoodiano, que contempla esses três sistemas supracitados e o cinema moderno bollywoodiano, por conter características inerentes ao cinema Bollywood, como musicais, com números de canto e dança e os enredos melodramáticos.

2.3.4 Mise-en-Scène

A mise-en-scène é o conjunto de todas as disposições relativas à ação, aos movimentos isolados ou ao movimento dos atores, às situações que devem ocorrer em torno deles, os móveis, acessórios, objetos, etc. O elemento mise-en-scène pode ser utilizado para introduzir as características de uma sociedade (CORSEUIL, 2003).

No filme “E agora, aonde vamos?”, a mise-en-scène revela a sociedade, composta por dois grupos religiosos. Nas primeiras cenas é possível observar o cortejo de mulheres, todas vestidas de negro, sendo que uma parte das mulheres está coberta com véus, representando a congregação muçulmana e a outra parte traz cruces de madeira, representando a congregação cristã.

As cenas, tanto internas quanto externas, que mostram o espaço físico onde a história se passa, as casas e estabelecimentos comerciais, revelam a simplicidade da aldeia. O figurino

dos atores também mostra o status social dos personagens.



Figura 4 - Cena externa de dois jovens buscando mercadorias para abastecer a aldeia

2.4 Aspectos socioculturais

O filme “E agora, aonde vamos?” é considerado um filme humanista e não feminista. Humanista, pois o enredo trata da tentativa de paz e conciliação entre as religiões muçulmana e cristã.

De acordo com Culler (1999) há um modo de análise nos estudos literários e culturais em que os estudos culturais podem facilmente tornar-se um tipo de sociologia não quantitativa, tratando as obras como exemplos ou sintomas de outra coisa e não do interesse nelas mesmas. As formas sociais são expressões ou sintomas, de modo que analisá-las é relacioná-las à totalidade social da qual derivam. O filme “E agora, aonde vamos?” é um sintoma das questões religiosas que envolvem o Oriente Médio. O filme foi idealizado em 2008, num momento em que a violência deflagrava no Oriente Médio, com disputas entre os partidários do “Movimento de 14 de março” (Operação Litani) e o grupo “Hezbollah”.

Historicamente, a Guerra Civil do Líbano foi um conflito no Líbano entre 1975 e 1990 que tem seus desdobramentos até os dias atuais. A guerra multifacetada teve seus antecedentes delineados nos conflitos políticos e compromissos firmados após o fim da administração

otomana na região. O conflito agravou-se por causa das mudanças na composição demográfica libanesa, do afluxo de refugiados palestinos entre 1948 e 1982, das disputas inter-religiosas entre facções cristãs e muçulmanas, bem como o envolvimento da Síria, de Israel e da Organização para a Libertação da Palestina.

O Papa Bento XVI, em sua primeira visita ao Líbano, em setembro de 2012 pediu que o povo libanês fosse um exemplo de paz entre as religiões, já que neste país o cristianismo e o Islã conviveram durante séculos. Hoje, o Líbano possui 18 religiões diferentes. Preocupado com as guerras no Oriente Médio e na Síria, o pontífice pediu união aos jovens muçulmanos e cristãos contra a guerra.

Um fato recente, porém, também ocorrido em setembro de 2012 abalou a paz entre as religiões no Oriente Médio. Um filme americano, chamado “Inocência dos muçulmanos” gerou uma verdadeira polêmica entre muçulmanos e cristãos. O filme irritou muitos muçulmanos e gerou preocupação entre líderes cristãos. Nos trechos divulgados pela Internet, Maomé é retratado como mulherengo, homossexual e abusador de crianças. Muitos muçulmanos consideram que a representação do profeta é uma blasfêmia. Diversos protestos e atentados às embaixadas americanas foram observados desde a divulgação do filme, que acarretou em diversas mortes e feridos.

Essas situações reais nos mostram no filme “E agora, aonde vamos?”, como qualquer evento fora do normal pode desencadear uma nova guerra entre os povos, o que dificulta a manutenção da paz entre as religiões. O filme tenta abordar essa questão religiosa de forma a não atacar nem muçulmanos nem cristãos. Ao iniciar o filme, nas primeiras cenas, a narradora deixa claro que a história trata-se de um conto. Na história, as mulheres tentam de diversas formas impedir que a guerra chegue ao vilarejo. Para isso, utilizam as mais variadas artimanhas para atingirem seu objetivo. Fazendo-se uma comparação com outro conto, podemos dizer que as mulheres apresentadas no filme são verdadeiras “Sherazades” dos tempos modernos. Elas utilizam de mil astúcias com o objetivo de proteger o vilarejo da guerra e das notícias que vem por meio da televisão e jornais, a fim de que seus homens jamais saibam das batalhas que ocorrem a alguns quilômetros de distância deles. No livro “As mil e uma noites”, uma coleção de histórias e contos do Oriente Médio e do sul da Ásia, Sherazade, por meio da astúcia e da inteligência, consegue evitar a própria morte e a morte

das outras mulheres do reino. Podemos concluir por essa história contada por Sherazade que, “a liberdade se conquista com o exercício da criatividade.”

3. Conclusões

De acordo com o que foi discutido no presente trabalho, pode-se concluir que foi possível fazer um estudo comparativo entre a literatura e outra arte, no caso, o cinema. O filme escolhido “Et maintenant on va où?” (E agora onde vamos?) é rico em elementos para serem discutidos. Foram abordados os aspectos estruturais, a estrutura narrativa, o espaço e tempo e os aspectos socioculturais. Poderia ser feita uma análise mais aprofundada sobre os diversos aspectos que envolvem a literatura e os estudos culturais, uma vez que a tentativa de paz e conciliação entre as religiões, abordados no filme, é um tema atual.

Referências

BORDWELL, D.; STAIGER, J.; THOMPSON, K. *The classical Hollywood cinema : film style & mode of production to 1960*. New York : Columbia University Press, 1985.

CABRAL, M. *Narração: tipos de narrador*. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/redacao/narracao-tipos-narrador.htm>> Acesso em: 22 set. 2012.

CANDIDO, A. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

CORSEUIL, A.R. Literatura e Cinema. In: BONNICI, T. ; ZOLIN, L.O. (org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Ed.UEM, 2003.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo. Becca, 1999. p. 48-58.

HENDERSON, B. *Tense, mood and voice in film*. Film Quaterly, Fall 1983, p.4-17.

MASSAI, F.A.; SILVA, A.R. O comparativismo entre semióticas: A personagem madrasta na literatura e no cinema. *Revista Fronteira Digital*, n.3, jan –ago, 2011.

MOISÉS, M. *Dicionário de Termos Literários*, 8ª ed., Editora Cultrix, 1997 520p.

XAVIER, I. *O cinema nos séculos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.